

O NORTE

de

DISTRITO

QUINZENÁRIO de FIGUEIRÓ DOS VINHOS



Avença
Proprietário *Dr. Ernesto Lacerda*

Orgão nacionalista, defensor dos concelhos do Norte do Distrito de Leiria
Director: *Dr. Joaquim Alves Tomás Morgado*

10 de Janeiro de 1971
Chefe da Redacção: *Prof. A. Paula Santos*

ANO XIX — REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO, COMP. E IMP.: OFICINAS GRÁFICAS DA MINERVA CENTRAL - FIGUEIRÓ DOS VINHOS - TELEFONE 42 307 — N.º 433

Federação de Municípios

Por Decreto-Lei de 22 de Dezembro do ano findo, anteriormente promulgado em Conselho de Ministros, foi criada a Federação de Municípios do Distrito de Leiria, que engloba, para já, os concelhos de Leiria, Alcobaça, Figueiró dos Vinhos, Nazaré e a freguesia de Mira de Aire, concelho de Porto de Mós.

Lê-se no preâmbulo do referido Decreto-Lei, que: «Encara o Governo com o maior interesse a constituição de federações de municípios que tenham por objectivo a pequena distribuição de energia eléctrica, pois reputa ser essa uma das vias de aceleração de condições favoráveis ao fomento da economia nacional».

Parece, em nossa opinião, ser o concelho de Figueiró dos Vinhos, por força de várias circunstâncias, a que não é estranha a exiguidade de receitas, um dos que com mais entusiasmo deve apreciar e abraçar este pensamento governamental que vem ao encontro dos nossos interesses e direitos.

Temos, portanto, que a Câmara Municipal de Figueiró dos Vinhos aderiu à Federação de Municípios para fins de exploração comercial da distribuição de energia eléctrica.

Criada a Federação, e de harmonia com o preceituado no Código Administrativo, realizou-se na sua sede em Leiria uma reunião para constituição da Comissão Administrativa, na qual ficaram representadas todas as Câmaras agora federadas, que por sua vez procedeu à eleição do Conselho de Administração para o primeiro ano de exercício.

A escolha recaiu nos Senhores Presidentes das Câmaras de Leiria, Alcobaça e Figueiró dos Vinhos, facto que honra sobremaneira o nosso concelho e o seu representante.

Para o lugar de Director Delegado foi eleito o Senhor Eng.º Afonso de Lemos Proença, que já anteriormente exercia idênticas funções nos serviços municipalizados de Leiria.

Embora a esta Federação em princípio tenha sido cometida a execução e exploração das obras destinadas à pequena distribuição de energia eléctrica nas áreas dos referidos concelhos e freguesia, poderá vir a explorar outros serviços compreendidos dentro das atribuições municipais.

Como é já do conhecimento dos nossos leitores a delibera-

ção municipal foi tomada, como é óbvio depois de estudados e ponderados os prós e os contras, apreciada, discutida e legalmente aprovada pelo Conselho Municipal.

Depois de alguns anos de experiência da Câmara Municipal, na exploração dos serviços de electricidade, pensando nos seus interesses mas sobretudo não descurando os do consumidor, impôs a si mesma o dilema: continuar ou não com a exploração, e em caso negativo escolher a proposta mais vantajosa.

Não foi difícil chegar à conclusão que por todas as razões a solução mais viável seria a da Federação.

Os corpos administrativos têm o imperioso dever, dentro das suas atribuições legais de usar da competência que lhes é conferida, com os olhos postos no bem comum.

Aquilo que por vezes poderá afigurar-se uma excelente transacção para a Câmara, deixará de lhe interessar, se não salvaguardar os legítimos interesses dos seus municípios. Julgamos que foi com base neste princípio e fiel à defesa do consumidor que a Câmara actuou nesta emergência.

Vejamos então, quais as vantagens que nos trará, ao público, a Federação.

Em primeiro lugar, colocaremos, por ser de excepcional importância, a baixa de tarifas, elemento de economia familiar e poderoso activante de progresso.

Depois há que considerar a possibilidade de uma maior intensificação na electrificação rural do concelho, que agora se espera e acredita que dentro de cinco anos, o máximo, estará totalmente electrificado.

Por fim uma possibilidade mais ampla de incremento no campo da indústria, que a maior difusão da electricidade certamente vai permitir à iniciativa particular.

Por sua vez a Câmara também aproveitará melhor a produção de trabalho dos seus quadros de funcionários, acabando a dispersão a que agora são obrigados.

Não será de menos estimar o alívio de encargos monetários que deixarão de existir, tudo contribuindo para um melhor funcionamento de máquina administrativa.

E' também de salientar que a Câmara, fica com o direito de reaver em qualquer altura, se for caso disso, a posição de concessionária que agora entrega à Federação.

À Página 4

Dezoito Anos

Com a entrada do Ano de 1971, também O NORTE DO DISTRITO inicia mais um ano de vida ao serviço de uma causa a que há dezoito anos se devotou.

A causa da defesa dos interesses de um concelho, de uma zona, ou de uma região, está implicitamente ligada à causa da própria Nação, visto que esta se completa com todas as parcelas do Território que no seu conjunto uno e indivisível formam a Mãe-pátria.

Por esse motivo, consideramos que um jornal de características regionalistas se integra na defesa dos interesses gerais do País que serve.

Bastaria, para justificar a existência de um jornal regionalista, a sua função de órgão defensor da sua região, fazendo-se eco, perante os poderes públicos, das aspirações e ansiedades das suas gentes, ao mesmo tempo transmitindo os conhecimentos de interesse quer no aspecto familiar, económico ou social—sobretudo na sua face progressiva—aqueles que por qualquer motivo se afastaram da sua terra, mas nela conservam amizados ou bens materiais, também não sendo de esquecer os benefícios de uma crítica construtiva quando necessária, mas sempre isenta de paixões ou questões pessoais. No entanto, O NORTE DO DISTRITO, tem procurado, e temos a consciência de que tem conseguido, ir mais longe, levando à presença dos seus leitores o conhecimento embora em síntese dos assuntos mais importantes ocorridos dentro e fora do País, que a ele digam respeito, não esquecendo as limitações de espaço que lhes são inerentes.

Norteados por esses salutaros princípios, O NORTE DO DISTRITO, assim tem vivido, desejando sempre a compreensão base das relações entre os homens de boa-vontade, intransigente perante os inimigos de Portugal.

Novo Ano, notícias novas. Ideário sempre o mesmo: Por um Figueiró melhor. Pela sua região. Pela Pátria.

Novo Ano, notícias novas. Ideário sempre o mesmo: Por um Figueiró melhor. Pela sua região. Pela Pátria.

Novo Ano, notícias novas. Ideário sempre o mesmo: Por um Figueiró melhor. Pela sua região. Pela Pátria.

Ào Serviço da Pátria

António Godinho da Silva

Em cumprimento de missão de soberania, segue brevemente para o Ultramar o nosso prezado assinante Sr. António Godinho da Silva, diligente empregado Comercial.

Desejamos-lhe boa viagem e regresso feliz.

Vicade pela Comissão de Censura

LUZ EM CAMPELO

Conforme noticiamos no nosso último número, procedeu-se no dia 24 de Dezembro, em Campelo, à inauguração da iluminação eléctrica da sede, e das povoações limítrofes. E dizemos iluminação, porque, pelo menos por agora, ainda não é utilizada a energia, como força motriz, ao alcance da lavoura e da indústria, tudo levando a crer, no entanto, que já no próximo estio venha a prestar o seu potencial valioso na elevação de água para regas.

Com assinalável pontualidade, precisamente às 18 horas, chegaram à ponte liga Campelo a Campelinho, os Senhores Dr. Henrique Vaz Lacerda, presidente da Câmara Municipal de Figueiró dos Vinhos, que também representava o Sr. Dr. Ernesto de Araújo Lacerda e Costa, presidente da Comissão concelhia da A.N.P. e provedor da Misericórdia; vereadores Senhores Adelino Joaquim Coelho e Fernando Simões Pires, e o chefe da Secretaria da Câmara Municipal Sr. José Abreu Nunes.

Naquele local, eram aguardados, pelos Senhores João Moraes Rosa, presidente da Junta de Freguesia; vogais Senhores Joaquim Ribeiro e José Carvalho; Rev. Padre Ventura, pároco da Freguesia; José da Costa Simões, Regedor; muitas pessoas de várias condições sociais, algumas vindas de longe.

Após os cumprimentos da praxe, todos se dirigiram para a cabine transformadora, ao som de uma agradável composição musical, executada por um conjunto regional, num cortejo a que Senhoras campelenses emprestaram uma nota positiva de delicadeza e elegância, com a sua presença.

Junto da cabine, onde já se encontravam os Senhores Engenheiros António José de Almeida, dos serviços de electricidade; Empreiteiros, Senhores Manuel Gomes e José Marques Grácio, e outro pessoal técnico, uma gentil menina entregou, sobre uma salva, ao Senhor presidente da Câmara a tesoura que havia de cortar a fita simbólica, honra que sua Excelência endossou ao Sr. Presidente da Junta.

O Rev. Padre Ventura procedeu à benção do Posto Transformador, depois da qual, rodados sucessivamente os vários comitadores, surgiu como prenda de Natal, a *menina bonita*, aspiração de algumas gerações, justa recompensa de quem soube esperar.

A hora, era de euforia. A alegria dos corações era transbordante: havia nos rostos optimismo contagiante. Era a Festa na sua plenitude!

Finda a cerimónia inaugural,

foi oferecido às autoridades e entidades visitantes, um bem servido e copioso copo de água, organizado por inscrições, ao qual, senhoras de Campelo e outras povoações deram preciosa colaboração, e que serviu de alegre convívio durante o anoitecer.

No final usou da palavra em primeiro lugar o Sr. Presidente da Junta, que salientou os inestimáveis serviços de electricidade na promoção social dos povos, evi-

À Página 3

Justa Homenagem

O Senhor Professor Elísio Mendes de Oliveira, que há cerca de quatro anos vem exercendo mais um mandato como presidente da Câmara Municipal do vizinho concelho de Ansião, foi recentemente alvo de justa homenagem de seus conterrâneos.

As suas reconhecidas qualidades de trabalho, honestidade e inteligência foram merecidamente salientadas pelos ilustres oradores que se associaram a essa manifestação de apreço que teve lugar no dia 12 de Dezembro último.

Organizada por um grupo de admiradores do seu concelho, logo, a ela, se associaram habitantes de todas as freguesias e individualidades das mais diversas classes sociais no devido reconhecimento da sua obra.

O jantar que simbolizou a homenagem, foi-lhe oferecido no quartel dos Bombeiros Voluntários, e a ele presidiu o Senhor Governador Civil do Distrito, Dr. Damasceno de Campos, ladeado pela Senhora D. Clarice Faveiro e pela esposa do homenageado, Senhora D. Maria Luísa Rego de Oliveira, Dr. Vítor Faveiro, Director Geral das Contribuições e Impostos, Deputado Meneses Falcão, Delegado do Procurador da República, Dr. Manuel Torres; Presidentes das Comissões Distrital e Concelhia da A. N. P., Presidentes das Câmaras Municipais de Alvaiázere, Castanheira de Pera, Figueiró dos Vinhos e Pombal, Vice-Presidente da Câmara de Ansião, Senhor Alfredo Dias Coelho e toda a Vereação.

Usaram da palavra para saudar o homenageado e para salientarem as reais virtudes do Senhor Professor Elísio Mendes de Oliveira, como cidadão e magistrado, os Senhores Dr. Vítor Faveiro, José Lusio, Dr. Henrique Lacerda, presidente da Câmara de Figueiró dos Vinhos e o Senhor Governador Civil.

Manifestamente sensibilizado, agradeceu, por último, o homenageado.

Assim vai por Campelo

Da Página 1

gerimos a criação dum Serviço simples, ao nível municipal, no caso de não existir ainda, ao qual seria cometida a atribuição de em inspeções periódicas, dentro de cada ano, vigiar pela conservação desse Património nas freguesias, promovendo as obras, benéficas e reparações que se mostrem em cada ano necessárias, por exemplo, em marcos fontenários, lavadouros públicos, condutas de água, caminhos e ruas das povoações, evitando-se desse modo que esse Património caia em ruínas pela destruição movida pelo uso e pelas inclemências do Tempo, como é o caso que focamos agora a respeito do marco fontenário do lugar de CAMPOLINHO e respectivo sistema de conduta de água.

Tratado até aqui, de breve espaço, o quadro do realismo rural desta região de Campelo, não queremos concluir sem uma breve e justa referência ao PLANO DE ACTIVIDADES E BASES DO ORÇAMENTO MUNICIPAL para o ano de 1971.

É consolador verificar, através desses importantes documentos, publicados no número de 25 de Setembro p. passado, deste jornal, que as finanças municipais tendem a possibilitar a criação das infra-estruturas socio-económicas de que o concelho carece. Isso será possível pela entre-ajuda dos réditos municipais e do potencial auxílio financeiro do Estado, cremos que em curto prazo.

Essas infra-estruturas ou bens instrumentais, que consideramos imprescindíveis para o progresso do concelho, são: boas estradas para todas as freguesias e de ligação às estradas nacionais; meios de deslocação e transporte rápidos; arruamentos, fontes, lavadouros públicos; redes de salubridade pública e saneamento também nas povoações e iluminação eléctrica, domiciliária e pública, em todos os lugares das freguesias; melhoramentos dos serviços hospitalar e de assistência local; reedificação e construção de edifícios escolares; protecção ao estabelecimento de pequenas indústrias locais, capazes de ali fomentar as actividades económicas; aproveitamento adequado dos mais interessantes pitorescos trechos da paisagem do concelho, com vista à sua valorização também turística... Semear, para depois se colher.

Como fomos dizendo, o Plano de Actividade Municipal, para 1971, marca um louvável passo em frente no campo das realizações locais.

Assim, ressalta do seu Capítulo I, *Melhoramentos Rurais*, o firme propósito de se concluírem e repararem, em benefício dos respectivos povos, as estradas e caminhos municipais; e af se diz também, na rubrica «Melhoramentos Rurais», que em calçadas nas povoações se prevê, para 1971, um investimento de 200 contos.

No Capítulo III, *Outros Melhoramentos*, consigna-se do mesmo passo o propósito de dotar também as chamadas pequenas obras e melhoramentos (reparação de caminhos, fontes, pontes, edifícios, etc.), para o que se prevê um dispêndio de 238 contos, em 1971.

No Capítulo IV, *Das Finanças Municipais*, podemos verificar através do esquema-resumo ali inserido, que as receitas ordiná-

rias, certas e correntes do Município, previstas para o ano de 1971, atingem a cifra de 3 008 185\$00, contra a de 1 838 185\$00 de despesas de idêntica natureza. Temos, por conseguinte um orçamento ordinário municipal superequilibrado.

Quer isto dizer que o excesso das receitas ordinárias sobre as despesas ordinárias — encargos de estrutura e funcionamento — é de 1170 contos. Este fundo de maneio financeiro previsional, no caso de efectivar-se e repetir-se em anos seguintes, permitirá ao Município com o auxílio do Estado, dotar em poucos anos todas as povoações das freguesias do concelho com as pequenas obras e até melhoramentos de certo vulto de que elas carecem há muito.

Haverá, depois, ocasião para realizações de carácter sumptuário na freguesia sede do concelho. Por sua vez, os encargos de operações financeiras passivas bem nos parece que não devem ser um sacrifício só das gerações actuais, mas igualmente das vindouras.

Quanto à parte extraordinária do orçamento municipal, também através do citado esquema-resumo se verifica ser a receita extraordinária exclusivamente constituída por participações financeiras do Estado, as quais se cifram em 2580 contos. Adicionando-se a este montante o excesso da receita ordinária, 1170 contos, tem-se que as chamadas «despesas de capital» ou de investimento, previstas para 1971, atingem a encorajadora cifra de 3750 contos.

O facto de se tratar de «despesas de capital» de tão considerável montante significa que, em despesas indirectamente produtivas (aquelas cuja produtividade se não traduz num excedente líquido, num lucro, mas num aumento do rendimento social), o Município prevê pois dispendir 3750 contos, em 1971.

Confiemos por isso em que, além da verba ordinária para «Outras despesas», de 238185\$00, também uma parte substancial dos 3750 contos seja investida em melhoramentos nas freguesias de Campelo, Aguda e Arega, como, aliás, já se consigna nos documentos de que nos estamos ocupando.

Em abono da verdade, entendemos dizer que consideramos o Plano de Actividades bem equilibrado. Assim ele se cumpre e execute no interesse dos povos para que foi elaborado. É um passo em frente em busca do Progresso para o concelho e que honra os órgãos da administração municipal — o Conselho Municipal e a Câmara.

Posto isto, desejamos, finalmente, traduzir e simbolizar, nas breves quadras que se seguem, o verdadeiro surto de Progresso, que ensaia cá, na região de Campelo, os seus promissores passos. A palavra, Campelo, que usamos, significa para nós toda esta região.

Campelo, aldeia remota,
Tão esquecida tens estado!
Vais agora na boa rota
Do Destino ou melhor Fado...

Do Espinhal à Castanheira
Essa Via (há que lustras desejada!)
Fará de ti a primeira
Aldeia cá bem amada...

E om boas águas, «vivilros» e trutas nas ribeiras,
Estrada alcatroada, luz, bons ares e belos pinhais...
Passar-se-ão em ti, Campelo fértils inteiras,
Repousantes. Suspirando-se sempre por mais...

Algures, Janeiro de 1971.
Josecampo de Matos

Campanha Imperiosa

Da Página 3

desenvolvida pelos professores primários, pelos catequistas e pelos pais.

As crianças tem de ser consciencializadas dos perigos que correm ao fazer deflagrar uma bomba de foguete, ao brincarem com um objecto metálico achado no campo.

A identificação desse objectos e dos perigos que lhes efectivamente representam, tem que lhes ser demonstrada.

O modo de proceder sempre que localizem uma bomba de foguete ou uma granada, tem de lhes ser explicada por forma a que procedam sem risco e conscientemente.

Só assim se salvarão muitas vidas. Só assim se sustará o cada vez maior número de inválidos em resultado de tão estúpidos acidentes.

A comissão de Explosivos da Secretária de Estado da Indústria, sita na Avenida Duque de Loulé n.º 90-4.º Esquerdo, em Lisboa, prestará certamente todos os esclarecimentos necessários para o efeito, ministrando os ensinamentos que devem ser transmitidos às crianças e facultando a todos os que se queiram dedicar a tão útil como benemérita campanha os elementos necessários para a sua difusão.

É um apêlo que aqui dirigimos a todos os Pais e Educadores, com a consciência de que assim prestamos um enorme serviço ao País, defendendo a vida e a integridade física das crianças, dos nossos filhos, o maior capital de uma Nação.

H. de Boaventura

Camisas Trevira

SOTO RIO

33.º Algodão—67.º Trevira
E' moda... é Trevira
Um exclusivo da Casa Silva

de

António da Silva
Figueiró dos Vinhos

Padaria

SANTA ISABEL
SOALHEIRA-GRAÇA
Pedrógão Grande

Aluga-se

Informa Fernando S. Pires
TELEFONE 42 487
Figueiró dos Vinhos

Vende-se

Máquina de tricotar de marca Knitax em segunda-mão em óptimo estado.

Nesta redacção se informa.

Trespasa-se

Estabelecimento de mercearia e vinhos, por motivo de retirada.
Frente às Oficinas Barreiros.
Tratar com o proprietário
Mário Estofador

A Grandeza da A'frica

A A'frica encastelada nas suas elevadas planuras, defendida pelas cataratas dos rios que a penetram, tais como o Nilo descendo das montanhas que ladeiam, ao norte, o lago Tanganhica, estende-se nos lagos Vitória e Alberto, de onde sai com o nome de Nilo Branco. Recebe, depois, no Sudão Egípcio, as águas do Nilo Azul, banha as cidades do Cairo, Damietta e Roseta e vai lançar-se no Mediterrâneo.

Há também o Zambeze, formado pelos rios Liba e Capompo, em Angola, que banha Tete e Sena (Moçambique), dividindo-se, depois, em dois braços, um dos quais passa em Quelimane. É este rio navegável até 800 quilómetros da sua foz, no Oceano Índico, precipitando-se, no seu curso, em quedas numerosas e formando na Rodésia Inglesa, entre Angola e Moçambique, as conhecidas quedas Vitória, a 140 metros de altitude. Depois, temos

o Cunene, que nasce na serra de Huambo, junto a Benguela, e vai desaguar a 70 quilómetros ao sul da baía dos Tigres, depois de um percurso de 870 quilómetros. Limita a fronteira de Angola e da A'frica do Sudoeste. Além disso, há o Zaire, formado pelos rios Luapula e Lualaba, que recebe vários afluentes e vai desaguar no Atlântico, perto de Banana e ao norte de Santo António do Zaire. Em seguida, o Niger, que nasce nos montes Lama, a leste da Serra Leão, atravessa o lago Debo e vai desaguar no Atlântico, entre os gol'os de Benin e Biafra.

A A'frica, envolta nas suas florestas gigantescas, desafia a cubiça e a curiosidade do europeu; sob um clima generoso, a natureza tem esplendores e grandezas, que contrastam com a mesquitez do homem.

A vida surge por toda a parte.

Arsénio Sampaio de Andrade

NÃO SE META EM AVENTURAS!

a máquina de costura

OLIVA

não tem plásticos

Não esqueça minha senhora, que a

OLIVA, porque é inteiramente de aço, dura e serve várias gerações, quaisquer que sejam as condições de trabalho

Não a confunda... pois a OLIVA não pretende fazer "FOGO DE VISTA", mas sim poder ser-lhe útil e durar mais

Quem possuir uma OLIVA só está descontente se quiser

A máquina OLIVA tem assistência permanente neste concelho na

Ourivesaria Lourenço

Fogões OLIVA com forno a 1100\$00
Máquinas de escrever OLIVA a 1950\$00
TELEVISORES OLIVA

TUDO COM GARANTIA OLIVA

Ourivesaria Lourenço

Telef. 42105

Figueiró dos Vinhos

O Brinde que eu quis fazer

Por José Rodrigues Dias

As palavras, que a seguir se reproduzem, foram escritas para serem lidas, no momento próprio, aquando do casamento de meus primos, menina Maria de Assunção e António Manuel, em 4 de Novembro último, na Igreja Nova do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa, mas como não houve oportunidade para a referida leitura e o assunto tratado — casamento — é de importância não apenas restrita mas geral eis a razão por que solicito ao ilustre Director de o Jornal «O Norte do Distrito», Senhor Dr. Joaquim Alves Tomás Morgado, licença para que as mesmas palavras possam ser publicadas em colunas daquele Órgão nacionalista, defensor dos concelhos do Norte do Distrito de Leiria, publicação que, antecipada e sinceramente, agradeço.

Eis as palavras:

Caros Primos e Jovens Noivos

Seria quebrar a tradição que mantenho, desde há longa data, em actos desta natureza, se, neste momento e nesta sala, não proferisse algumas palavras que desejaria que brilhassem mais pelo valor dos seus conceitos do que pelo rendilhado da forma. É que, na escala da Vida, devemos reservar o ponto cimeiro para Deus e o pão e o imediatamente inferior para a beleza, símbolo de todas as manifestações espirituais — fé, amor, caridade, pensamento, arte, justiça, compreensão, perdão, labor, etc. — porque Deus e o pão alimentam-nos o corpo na sua forma dual de matéria espírito, jardim maravilhoso onde todas aquelas plantas de substância imaterial germinam, crescem, florescem e frutificam.

Comprende-se que, sem a terra humosa daquele jardim, as plantas não podiam dispor dos alimentos nutritivos que as raízes, ali lançadas, absorvem e introduzem no seu sistema circulatório, para conversão em seiva vital.

Portanto, as minhas palavras, caros jovens Noivos, só podem ter para vós, alguma utilidade se forem portadoras de seiva capaz de alimentar, convenientemente, os conselhos válidos que pretendo oferecer-vos para balizardes, nas várias estradas, abertas no terreno da Vida, aquela que, a partir de hoje, de mãos dadas, almas e corações unidos e confiança dobrada, mais vos possa convir para trânsito e eu, sinceramente, desejo que seja de pavimento plano, liso, embelezado por grinaldas de rosas de esperança, tapeado por rosmaninho da felicidade e iluminado pelo sol da alegria. E serão, de facto, proveitosas, para vós, as minhas pobres palavras? Receio a negação por não terem a garantia que só a experiência lhes podia dar e eu não posso devido ao meu estado de solteiro.

Nestas condições, a atitude mais coerente seria a de ficar calado limitando as minhas palavras às estritamente necessárias para agradecer aos meus primos, Júlia e Azinhais, pais extremos da Mariazinha e sogros dedicados e amigos do Toni, o convite que me endereçaram para tomar parte nesta festa encantadora, que encantadoras são todas as festas de família e de amizade, palavras a que não podia deixar de acres-

center outras dirigidas aos Noivos, para felicitá-los pelo seu enlace matrimonial e desejar lhes, em comum, uma longa vida cheia de prosperidades e ventura e que os filhos que Deus houvesse, por bem, conceder-lhes podessem, no futuro, reeditar o lar que os seus Pais, hoje fundaram e, dadas as qualidades meritórias que os exornam, há-de ser, assim o espero, modelar. Mas a minha longa vida de 76 anos; a minha observação pessoal, a recebida de outras pessoas e a adquirida pela leitura acieataram-me o espírito, obrigando o a abandonar a posição cómoda, mas não útil, neste acto, do mutismo para recomendar aos Noivos alguns princípios ou regras que lhes, pela sua formação moral e cultura superior de que são dotados, conhecem melhor do que eu e não deixarão de pôr em prática para salvaguardar a harmonia do binário conjugal e do entendimento perfeito de duas almas e de dois corações que o Amor, esse mara, vilhoso alquimista, transforma numa só alma e num só coração.

Então, em face disto, Mariazinha e Toni, nomes ternos e familiares que o estado de solteiros e o carinho de vossos pais vos outorgou mas o de casados converteu, respectivamente, em D. Maria de Assunção e Senhor António Manuel, tratamentos reservados, apenas, para o convívio social porque, para as pessoas de família e de amizade continuam a ser a Mariazinha e o Toni, então, repito, que conselhos vos poderei dar? Poucos mas, na minha maneira de ver suficientes para manter a integridade e alegria do lar:

a) Amor convicto de Deus para conquistar a protecção que Ele, como Pai amantíssimo, não deixará de conceder a Seus filhos com merecimento digno desse prémio;

b) Fidelidade mútua e sincera porque, a infidelidade, como o

caruncho na madeira, tem feito desabar, estrondosa e dramaticamente, algumas vezes, lares que, antes, eram felizes, harmoniosos e alegres;

c) Amor ao trabalho para obtenção de meios pecuniários porque, embora estes, por si sós, não constituam a felicidade inteira, são, todavia, parte importante dela;

d) Solidariedade inquebrável, qual monólito, entre os cônjuges tanto nas horas boas como nas más;

e) Compreensão e desculpa sempre pronta para as pequenas faltas, inerentes à natureza do barro de que todos somos feitos, porquanto a perfeição absoluta é qualidade privativa de Deus;

f) Elaboração, em comum, dum plano para a educação dos filhos de molde a que tanto o poder paternal como o maternal se encontrem sempre em conjugação e não em oposição para evitar desperdícios de forças, desprestígio dos pais de consequências graves e não comprometer a execução do plano e o futuro dos filhos;

g) Enfrentar com serenidade, atenção e estudo os problemas da Vida por mais graves que sejam porque a exaltação, de mangas arregaçadas e punhos cerrados, longe de resolvê-los só os complica e torna, as vezes, insolúveis. Eu sei por experiência própria, que a calma e a paciência, armas fornecidas pelo arsenal do Céu, são, pela sua perfeição exactidão de tiro, de grande eficácia na conquista do triunfo. Não devemos confundir é claro, paciência com cobardia porque a este sentimento falta nobreza e significa traição ao cumprimento de um sagrado dever.

É este, Mariazinha e Toni, o ramo de flores espirituais que vos ofereço, no dia do vosso hímeneu, com votos sinceros por que as pétalas não murchem e, antes, se conservem sempre viçosas, perfumadas e iluminadas pelo sol da alegria.

Assim seja.
(Conclui com os versos Dia de Casamento)

Pagamento de Assinaturas

Procederam à regularização das suas assinaturas nos últimos dias, pessoalmente na nossa Redacção, ou por outras vias, os nossos prezados assinantes, cujos nomes damos a seguir, apresentando a todos os nossos sinceros agradecimentos.

Carlos Manuel Montenegro, Coimbra; António Piedade Costa, Moinhos da Bairra; António da Silva Godinho, S. Paulo; Luís Manuel de Oliveira Portela, Lisboa; José da Silva Pimenta, França; António Tavares de Carvalho, Vila Facaia; José Henriques David, Figueiró dos Vinhos; Raul Martins da Silva, Camarate; António Marques, Martingago-Aguda; José Clemente Bâtista, Lisboa; Quevedo Henriques Horácio, França; Joaquim da Silva, Figueiró dos Vinhos; Luís Silva, França; Joaquim Marques Fouto, Lisboa; Tibério Augusto de Paim, Porto; António da Conceição Borges, Angola; Adrião Lopes Graça, Alardo; Manuel Almeida Dias, S. João da Talha; José da Conceição Napoleão, Figueiró dos Vinhos; Artur Curado, Chimpeles; Acácio Ascensão Godinho, Luanda; Dr. Mário da Costa Armelino, Figueiró dos Vinhos;

Bernardino Cassiano, Figueiró dos Vinhos; D. Zulmira Maria dos Santos Gomes Gameiro, Figueiró dos Vinhos; José Marques, Arega; António Mendes Junior, Atalaia Cimeira; Manuel Mendes, Atalaia Cimeira; Belmiro Domingos da Conceição, Figueiró dos Vinhos; Manuel Ribeiro Martins, Luxemburgo; Manuel Lopes e Silva Martins, França; Armando Marques da Costa, Carapinhal; José Simões Baptista, Lourenço Marques; Manuel Martins Graça, Douro; Joaquim Godinho, Mações; Eng.º Cláudio Manuel Bugalho Semedo, Lisboa; Mário Firmino, Castelo Branco; Manuel Silveiro, Moninhos Cimeiros; e Virgílio do Carmo Rodrigues, Figueiró dos Vinhos.

Vendem-se

cerca de 200 tenchoeiras com boa raiz.
Tratar com José Marques — AREGA.

Encomende à TIPOGRAFIA deste JORNAL os impressos que necessita

LUZ EM CAMPELO

Da Página 1

denciando assim o valor do melhoramento agora posto ao serviço dos campelenses. Apresentou agradecimentos e manifestou o reconhecimento de toda a população ao Senhor Presidente da Câmara pelo muito que tem feito em favor daquela freguesia.

O Sr. José Carvalho, de Ribeira Velha, em palavras simples, mas também repassadas de sinceridade, vitoriou o Senhor Presidente da Câmara e apelou para todos os campelenses no sentido de se unirem com amizade sob a bandeira da A.N.P. para o progresso da sua terra e bem de Portugal.

Seguiu-se no uso da palavra o Reverendo Padre Ventura, que depois de cumprimentar o Senhor Presidente e toda a Câmara ali presente, falou sobre o direito dos povos, aos benefícios que a ciência lhes oferece. Justificou a presença do representante da Igreja Católica naquela reunião em que se festejava um evento de extraordinária repercussão na vida económica e social, tomando como base os ensinamentos de recentes Encíclicas Papais e algumas conclusões do Concílio Vaticano II.

Louvou a desinteressada dedicação do Presidente da Câmara, obra de solidariedade, visto que o ordenado — disse — é insuficiente.

Fechando a série de discursos, o Senhor Dr. Henrique Vaz Lacerda, perfiou a ideia do orador que o antecedeu, de que não havia lugar para agradecimento. Os povos tinham os seus direitos. Como Presidente da Câmara — rectificou — não auferia ordenado, e citando um ditado muito popular: «quem corre de gosto...», afirmou que também ele não se cansava.

Esclareceu ainda que na orgânica administrativa e no exercício do seu mandato, na qualidade de procurador do Governo diligenciava fazer o melhor que sabia e podia. Referindo-se concretamente à obra inaugurada, declarou que ela não representava obra de uma pessoa, mas de um conjunto de técnicos, funcionários, operários, etc.

Informou também a assistência, que o facto de ser Campelo a última sede de freguesia a ser electrificada não obedeceu a qualquer razão que não fosse a sua maior dificuldade, e ainda porque alguma teria de ser a última.

Depois de dar conhecimento aos presentes das suas recentes diligências em Lisboa, a fim de

abreviar a continuação da reparação da estrada até Fontão, notícia que foi recebida com muita satisfação, o Sr. Presidente da Câmara exortou os Campelenses a uma união fraterna com base na amizade sincera, tendo em vista uma obra de conjunto em prol da terra que lhes foi berço.

Todos os oradores foram muito ovacionados.

O Senhor Presidente da Câmara, foi alvo de calorosas manifestações de apreço e distinguido com afectuoso carinho.

De uma maneira geral todos os visitantes retiraram de Campelo, sensibilizados com a carinhosa e cativante recepção que lhes proporcionaram.

Nesta quadra festiva em que todos nos felicitamos mutuamente, «O Norte do Distrito» faz votos muito sinceros para que a noite de Natal de 1970, seja a aurora do ressurgimento para Campelo. A sua laboriosa gente, bem o merece.

Campanha Imperiosa

Desde 1960 que a Comissão de Explosivos da Secretaria de Estado da Indústria vem lançando uma campanha tendente a reduzir os riscos resultantes das explosões que anualmente matam ou inutilizam muitas vidas especialmente crianças.

Na impossibilidade de impedir o uso de fogos de artifício de tradição tão arraigada nos festejos populares do nosso País ou de evitar que das necessárias manobras militares não resulte a disseminação pelos campos utilizados, de granadas não deflagradas, torna-se necessário prevenir e acautelar todas as pessoas que por necessidade de deslocações ou pelo simples prazer, utilizam ou usam os campos onde podem encontrar bombas de foguetes ou granadas por deflagrar.

Esse perigo é tanto maior quanto maior for o desconhecimento das pessoas quer dos perigos quer da identificação dos objectos perigosos.

Especialmente as crianças, cujo espírito é por natureza, mais curioso e, pela idade, menos experiente, correm sério risco pelo qual somos responsáveis.

É, por isso, necessário promover uma campanha de esclarecimento que as vise directamente.

Essa campanha não poderá ter melhores resultados se for

A Página 2

DIA DE CASAMENTO

«Nunca se fabricou uma panela
Que se não fizesse um testo para ela».

Transpondo, para termos humanos, o rifão
É, sem dúvida, válida a versão:

Deus não criou um só homem sequer
Que não criasse, para ele, a mulher.

E, de facto, o homem sem companheira
É um diminuído a vida inteira.

E o inverso não se contradiz
Que mulher, sem homem, não é feliz.

Quando se encontram que alegre momento,
Selado, depois, pelo casamento.

E exemplo temos de fácil advinha:
É o do Toni e Mariazinha.

José Rodrigues Dias

Assim vai por Campelo

Retomando o fio das questões desta zona rural de Campelo, que temos vindo aqui tratando, consideramos importante ainda referir o assunto do cemitério paroquial e da necessidade de arruamentos nas povoações (calcetamento das ruas) que igualmente foram expostas ao aludido membro do Governo pelo Senhor Presidente da Câmara Municipal.

Estas questões não foram pois esquecidas nem o estarão — o que é muito de louvar. Confiemos por conseguinte que, em curto prazo, pelo menos no ano 1971, tenham a sua devida e justa solução.

Efectivamente, a satisfação das necessidades essenciais, que temos focado, inscreve-se no quadro das chamadas atribuições de exercício obrigatório das autarquias locais. Tais atribuições são as que decorrem directamente de preceito legal. São, portanto, de carácter imperativo, isto é, comandos jurídico de conteúdo inteiramente determinado pelo legislador e que não admitem assim opções, ou seja, cuja observância e execução não depende da vontade seja de quem for. São comandos a que não pode deixar de se dar execução com prioridade absoluta.

Compulsando-se o Código Administrativo, diploma pelo qual se rege a vida das autarquias a que nos temos referido, logo se pode ver, no seu art.º 63.º, quais são, para os concelhos rurais de 3.ª ordem, as atribuições de exercício obrigatório, ou seja, as que visam satisfazer as necessidades de interesse público local de natureza fundamental.

Por força do aludido art.º 63.º, essas atribuições são as enumeradas nos percursos seguintes: art.º 46.º, n.ºs 1.º, 4.º e 12.º (construção, reparação e conservação de estradas e caminhos; pontes e viadutos; e limpeza das povoações...); art.º 47.º, n.º 1.º (captação de águas potáveis, construção, conservação limpeza e desobstrução de fontes, reservatórios, aquedutos e conduta); art.º 48.º, n.ºs 1.º, 10.º e 11.º (construção, conservação, e reparação de edifícios escolares...); art.º 49.º, n.ºs 1.º, 4.º e 14.º (protecção da água potável destinada ao consumo público contra as causas de inquinação e conspurcação...).

No desempenho das suas atribuições também compete às Câmaras (Art.º 51.º, n.º 42.º) subsidiar as juntas de freguesia para a realização de melhoramentos rurais.

Pois bem. Reportando-nos à Estrada Municipal de Campelo, dissemos no número de 10 de Junho de 1970, deste jornal, que para o seu alcatroamento e reparação o Estado concedeu a comparticipação financeira de 300 contos; e que, segundo o mesmo diploma ou Portaria de então, essa reparação teria de estar concluída até fins de 1971. Mediante o auxílio do Estado, também a luz eléctrica foi agora em 24 de Dezembro inaugurada em Campelo.

Realmente, o alcatroamento está já concluído até Vilas de Pedro. Permanece todavia a necessidade de se proceder assim até Campelo no mais curto prazo de tempo possível. Quem ainda no Verão por esta Estrada transitou, sabe como o seu estado de conservação era deplorável e que era mais incómodo e cansativo fazer o percurso de 11 quilómetros, para Campelo, do que toda a viagem de Figueiró até Lisboa...

Pensamos que a elaboração, todos os anos, dum bem escalonado plano de melhoramentos locais, teria permitido, ainda que aos poucos, o alcatroamento desta Estrada, construída há mais de 30 anos.

Beneficiar as povoações com ruas transitáveis, decentes, calcetadas para durarem e resistirem ao Tempo, é também questão que definitivamente importa solucionar. São pequenos melhoramentos que contam muito no bem estar das populações rurais. *Com insistência se tem reclamado, até na Imprensa concelhia, pela beneficiação da rua principal da povoação de CAMPOLINHO. Anda-se nisto há anos... apesar de para isso ser suficiente dezena e meia de contos, uma insignificância para as finanças municipais. Insistimos aqui uma vez mais, endereçando ainda este pedido à Ex.ma Câmara.*

Quanto a esta mesma povoação, um outro aspecto há a focar. Existe, a meio do lugar, um marco fontenário que tem gravada a seguinte inscrição: «1952 — C M F V». Quer esta inscrição significar que esta fonte ou marco fontenário foi erigido nesta povoação, em 1952, pela Câmara Municipal de Figueiró dos Vinhos.

Desde então, são passados 28 anos. Ora o respectivo sistema de conduta da água nunca foi beneficiado na sua extensão. A não ser por iniciativa de particulares num ou outro passo do seu curso. Resultado: a água quase deixou de chegar à povoação; a canalização, que supomos de fibrocimento, deteriorou-se há muito; o próprio marco fontenário está em ruína, a demolir-se. Verificámos este facto, *in loco*, no passado Verão... A povoação esteve por isso sem água.

Entretanto, ao que sabemos, a Câmara Municipal tomou a louvável iniciativa, mas já no fim do Verão, de mandar substituir os tubos de conduta da água, nos informaram. E só é também de lamentar que o respectivo empreiteiro tenha tido certa dificuldade em executar esse trabalho. Ele verificava que a canalização nova, que ia lançando ao solo, lhe aparecia todas as manhãs furada... Ora, indagando sobre tal fenómeno, parece ter-se chegado à conclusão de que essa *malfetoria* seria obra de qualquer inimigo da água e da povoação ou «PICA-PAU» que durante, as trevas, por ali andaria assim em busca da «GAIOLA»...

O bem-estar nas zonas rurais, não nos cansaremos de o repetir, depende sobretudo da realização continuada, assídua, de pequenos melhoramentos: boas ruas e caminhos, marcos fontenários, lavadouros públicos, luz eléctrica, comunicações (correios, telégrafo, telefones, meios deslocação de comunicações e transporte), vias de acesso rodoviário à Vila e aos grandes centros urbanos... E, na ordem espírito, de aconselháveis centros locais de convívio, recreio e cultura e, também nesses núcleos, o culto dos bons e salutares princípios da moral cristã.

Impõe-se por outro lado e por forma adequada a devida preservação do *Património público local*, constituído desses pequenos melhoramentos. Para o efeito su-

Nobilificante gesto dos Bombeiros de Figueiró

Os Bombeiros Voluntários, são, como todos nós sabemos, homens generosos que se entregam de alma e coração a uma obra de solidariedade humana inultrapassável. Todos os sacrifícios são feitos sem remuneração. A maior satisfação do Bombeiro Voluntário, é a de poder ser útil à sociedade em que vive. Corre para o perigo sacrificando a saúde e quantas vezes a própria vida para salvar a do semelhante ou os seus haveres.

O grande público reconhece tudo isto, e sempre que a ocasião se proporciona, dá, e dá generosamente, mas quase sempre as suas dádivas são destinadas e aplicadas na compra de material e equipamento para que acção dos soldados da paz possa ser mais eficiente. É natural: é uma constante da vida difícil das corporações que dia a dia precisam de se actualizar e das Direcções, outras plêiade de homens que sacrificam parte dos seus legítimos interesses ao serviço da comunidade, para promoverem essa indispensável actualização.

Ora os Bombeiros de Figueiró, tinham uma vez no ano, em que pediam para eles próprios.

Era o pedatório do Natal. Mas neste ano agora terminado, os altruístas rapazes e homens que constituem o corpo activo, sabendo das dificuldades materiais que atingem a corporação, e que por tal motivo tem de recorrer a novo pedatório, renunciaram a fazer o seu, para não prejudicarem o da corporação.

A quantos desses homens que vivem do seu trabalho, faria jeito aquela ajuda para um Natal mais feliz?

Quase a todos, diremos nós. É este, o belo gesto dos Bombeiros de Figueiró que gostosamente aqui quisemos registar.

Gente Nova ANA SOFIA

Na Clínica de Santa Teresa, em Coimbra, a Senhora Dr.ª D. Maria Marcelina Monteiro Armelino, distinta directora do Ciclo Preparatório Major Neutel de Abreu, esposa do Sr. Dr. Mário da Costa Armelino, professor do ensino secundário, deu à luz uma linda menina a quem foi dado o nome de Ana Sofia.

Cumprimentamos os extremos pais, desejando para a menina Ana Sofia as melhores venturas.

FERNANDO JOSÉ

Em Lourenço Marques, no dia 10 de Dezembro, último, deu à luz um lindo menino, ao qual foi dado o nome de Fernando José, a Senhora D. Aida do Carmo António Martins, esposa do Senhor Armando Martins, naturais de Moninhos Fundeiros, há anos residentes naquela cidade portuguesa de África.

Felicitemos os pais, desejando auspicioso futuro ao Fernando José.

FERNANDO MIGUEL

No dia 2 do mês corrente, deu à luz um lindo menino, a Sr.ª D. Maria Alice Simões Francisco, casada com o Sr. António Joaquim Francisco Fernandes, soldado da G. N. R. nesta vila.

Ao novo ente, ao qual foi dado o nome de Fernando Miguel, desejamos feliz futuro.

LUTUOSA

António Ferreira da Silva

Com 70 anos de idade, faleceu no passado dia 4 do mês corrente, nesta vila, o Senhor António Ferreira da Silva, aposentado da Imprensa Nacional de S. Tomé.

O saudoso extinto que durante muitos anos aqui exerceu a profissão de tipógrafo, era geralmente estimado.

Em Março do último ano, viuvara por morte da Senhora D. Maria do Carmo Nunes Ferreira da Silva.

Era pai das Senhoras D. Maria Amélia Silva Vaz, casada com o Sr. António Martins Vaz, residentes em Castanheira de Pera; D. Maria Isabel Nunes Ferreira dos Santos, casada com o Sr. Celestino Ferreira dos Santos, radicados em S. Tomé; D. Laurentina Ferreira Nunes; D. Maria de Lurdes Ferreira Nunes e do Sr. António Nunes Ferreira da Silva, casado com a Senhora D. Celeste Gonçalves da Silva, em férias no continente, e do Sr. Luís Nunes Ferreira da Silva.

O funeral que teve lugar no dia seguinte para o cemitério municipal, constituiu sentida manifestação de pesar.

«O Norte do Distrito» apresenta sentidas condolências a toda a família de luto.

Um caso de longevidade

com invulgar número de sobrinhos

No lugar de Moninhos Fundeiros, Freguesia de Aguda, deste Concelho vive em pleno uso das suas faculdades mentais o Senhor José Assunção, com a idade de 95 anos.

O Senhor Assunção que mantém uma vivacidade fora do vulgar em tão propecta idade, tem 4 netos e 4 bisnetos. Entre sobrinhos e sobrinho-netos tem nada menos que 50, a residirem em Luanda, o que não deixa ser um número impressionante.

José Afonso

Em Lisboa, encontra-se em tratamento de melindrosa doença, o menino José Afonso de Mesquita Louro, filho extremo do Sr. José Manuel Louro e da Sr.ª D. Maria Helena de Mesquita Louro.

Desejamos-lhes boas melhoras.

António da Conceição Borges

Em Arega, encontra-se de visita a sua família o Sr. António da Conceição Borges, radicado em Angola.

Manuel Lopes Bruno

Por lamentável erro tipográfico, no agradecimento que publicamos no nosso número de 25 de Dezembro último, referente ao falecimento de Manuel Lopes Branco, que foi da Salaborda (Vila Facaia) saiu Manuel Lopes Bruno.

Sucedo que, vive em Lisboa, e felizmente continua de saúde, de um figueiroense, nosso prezado assinante que tem o nome de Manuel Lopes Bruno.

O caso suscitou dúvidas em alguns dos nossos leitores, pelo que aqui deixamos a rectificação devida, pedindo desculpa a ambas as partes.

José Luís

Depois de prolongado sofrimento, faleceu no dia 3 do corrente, mês com 70 anos de idade, na povoação de Castanheira, desta freguesia, o Sr. José Luís, que deixa viúva a Sr.ª D. Carolina da Conceição.

O saudoso extinto era pai dos Senhores Aníbal Luís da Silva, operário da construção civil em Lisboa, casado com a Sr.ª D. Hortelinda da Silva; Gervásio da Conceição Luís, funcionário da B. E. S. C. L. nesta vila, casado com a Sr.ª D. Floripes Tomás Luís; António da C. Luís, empregado Comercial em Lisboa, casado com a Sr.ª D. Líbia Marques Luís; João da Conceição Luís, ausente em França, casado com Sr.ª D. Maria Castália Martins Luís, e Gustavo da Conceição Luís, a prestar serviço militar em Luanda.

Deixa também 10 netos. O funeral que se realizou no dia seguinte para o cemitério municipal, constituiu sentida manifestação de pesar.

A famílias de luto, apresentamos sinseras condolências.

Emigrantes

De visita a seus familiares, encontram-se nas suas casas os Senhores José da Silva Pimenta, de Vale do Rio; Belmiro Dominges da Conceição, de Figueiró; Manuei Ribeiro Martins, e Manuel Lopes e Silva Martins de Chãos; Horácio Henriques Quevedo, de Nodeirinho; e Luis Silva, de Ribeira de S. Pedro.

Desejamos-lhes férias recuperadoras.

Festa de S. Sebastião

Realiza-se no próximo dia 24 a festa em honra e louvor do Santo Mártir, na linda capela do Cimo da Vila.

Federação de Municípios

Da Página 1

Um outro pormenor digno de registo, por julgarmos com interesse, é o facto de, apesar da centralização dos serviços administrativos se processar em Leiria, em todos os concelhos será instalada uma delegação com pessoal técnico de apoio ao funcionamento normal dos serviços.

Quando aparece uma inovação em qualquer sector das relações entre administração e público, como a que agora vai vigorar, surgem sempre os apologistas e nunca faltam os censores.

É natural que a virtude poderá não estar cá nem lá, mas estará certamente, se todos quisermos, na expectativa colaborante e compreensiva, quando como agora está em causa a defesa do interesse de todos nós, consumidores, que à administração compete defender e na verdade não se tem poupado a esforços para o conseguir.